

**Encontro Arquivos Científicos**  
**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas | Universidade Nova de Lisboa**  
**3 de julho 2014**

**Arquivo digital de Almada Negreiros: *a Tragédia da Unidade***

Sílvia Laureano Costa  
IELT-FCSH/ UNL

***Antes de Começar***

Há uns tempos, perguntaram-me: “O que fazes?” “Trabalho no espólio do Almada Negreiros”, respondi. “No espólio? E isso serve para quê?” Expliquei. Ou antes, tentei explicar. Os meus argumentos revelaram-se insuficientes para convencer o meu interlocutor. Foi então que me lembrei das palavras de Rubens Borba de Moraes, o bibliófilo brasileiro: “Para muita gente, (...) não adianta explicar certas coisas, elas não chegaram ainda a um desenvolvimento cultural suficiente para apreciar as coisas sem utilidade aparente.”<sup>1</sup>

Acredito que o meu trabalho no espólio de Almada Negreiros e Sarah Affonso tem servido (e continuará a servir) para muitas coisas. Bem, pelo menos serviu-me para estar aqui, a partilhar a minha experiência convosco, conhecedores e cúmplices da utilidade dos arquivos científicos, artísticos e literários.

**Da materialidade à ilusão de um arquivo**

José Sobral de Almada Negreiros (1893-1970), figura incontornável da cultura portuguesa do século XX, desafiou os limites e as fronteiras dos géneros artísticos, notabilizando-se, ao longo de quase seis décadas de produção, na literatura, nas artes plásticas e nas artes cénicas, tendo-se ainda aventurado na geometria. Artista autodidata e multifacetado, ficou conhecido como o “Poeta

---

<sup>1</sup> Moraes, Rubens Borba de, *O Bibliófilo Aprendiz*, Lisboa, Letra Livre, 2011, p. 19.

d'*Orpheu*, Futurista e Tudo”, epítetos com que o próprio assinou um dos seus textos mais emblemáticos, o *Manifesto Anti-Dantas*.

Diante de um artista plural, é esperado encontrar um espólio vasto e heterogéneo. Assim acontece com o de Almada Negreiros. A sua multiplicidade artística aliada a uma produção compulsiva traduz-se, inevitavelmente, num arquivo amplo e diverso que, por vários motivos, se encontra também disseminado por diferentes coleções e proprietários – na sua maioria identificados, apesar de não ser raro surgirem no mercado leiloeiro obras ou documentos até aí desconhecidos ou cujo paradeiro se ignorava.

No entanto, a maior parte do legado pertence aos seus herdeiros e é em estreita colaboração com eles que, desde 2011, o espólio de Almada Negreiros e da sua esposa, a pintora Sarah Affonso, está a ser, de um modo sistemático, organizado, inventariado, digitalizado e catalogado por uma equipa multidisciplinar de investigadores<sup>2</sup>, tendo como objectivo final a sua disponibilização numa base de dados *online*.

Faço parte do grupo que constitui este projeto – *Modernismo Online: Arquivo Virtual da Geração de Orpheu* –, cuja ambição última é o desenvolvimento de um arquivo virtual do Modernismo português, reunindo os arquivos (ou as ligações para os arquivos) dos autores e artistas de um dos principais movimentos culturais literários e artísticos do nosso século XX. Começámos por tratar dois acervos importantes para este estudo: o de Almada Negreiros e Sarah Affonso.

O privilégio de ter acesso a todos os documentos e obras desta coleção alia-se à responsabilidade de tratar da materialidade do arquivo, desenvolvendo ao mesmo tempo um repositório digital capaz de unir a extensa e dispersa obra do casal Almada Negreiros – ou pelo menos de criar a ilusão dessa mesma unidade.

Proponho, nesta comunicação, partilhar algumas experiências sobre o trabalho que tenho vindo a realizar neste projeto, mostrando as soluções que encontrámos para muitos dos desafios arquivísticos e também algumas das

---

<sup>2</sup> Projeto *Modernismo Online*, integrado no Instituto de Literatura Tradicional, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, coordenado pelo Professor Doutor Fernando Cabral Martins e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

dificuldades que ainda temos em mãos. Colocarei a tónica na parte do espólio correspondente a José de Almada Negreiros por ser a que apresenta maior heterogeneidade e, com isto, um maior número de problemas metodológicos subjacentes à organização do espólio<sup>3</sup>.

O contacto com a materialidade deste arquivo começou, desde logo, pela fase da arrumação dos caixotes que guardavam todos os documentos. Tínhamos de definir uma organização física para o espólio, mas também criar uma base de dados capaz de acolher virtualmente todas peças daquele imenso *puzzle*.

A primeira etapa não revelou dificuldades de maior. Para arrumar os documentos, a família cedeu-nos uma sala ampla, com várias estantes e muitas caixas e envelopes arquivadores. Separámos os materiais por grandes núcleos, correspondendo, *grosso modo*, às grandes categorias com que depois, na catalogação, os rotulámos: Arte (desenhos e estudos); Geometria; Manuscritos; Correspondência; Recortes de Imprensa; Documentos fotográficos; Impressos (catálogos, revistas, panfletos, programas, convites); Documentos diversos; Biblioteca.

Ficou assim facilitada a colocação de números de inventário e, a partir deste ponto, tornou-se viável proceder à digitalização e ao registo fotográfico dos documentos, arquivando-os em pastas virtuais, com os números correspondentes. O processo de catalogação das peças está a ser desenvolvido em simultâneo com estas tarefas.

No entanto, para que se tornasse possível criar a ficha de inventário de cada documento, foi necessário primeiro desenvolver uma base de dados à medida das especificidades deste espólio – ao mesmo tempo plástico, literário e documental. Eis a segunda etapa, mais demorada e minuciosa. A sua heterogeneidade obrigou a que desenvolvêssemos de raiz uma base de dados electrónica com folhas de registo suficientemente completas para conter todas as informações fundamentais às futuras pesquisas por parte dos estudiosos e de todos os interessados. Durante a criação das fichas de inventário, contámos com o apoio técnico e científico dos dois

---

<sup>3</sup> Todas as fotografias que ilustram a minha apresentação *powerpoint* foram gentilmente cedidas pelo fotógrafo Duarte Belo, que tem vindo a desenvolver um trabalho complementar no registo deste espólio.

parceiros deste projeto: a Biblioteca Nacional de Portugal e o Centro de Arte Moderna (Fundação Calouste Gulbenkian.

Equacionadas as principais situações, e dentro das limitações do orçamento que tínhamos disponível, procurámos construir um modelo de base de dados que satisfizesse as particularidades deste espólio.

Ainda no final deste ano de 2014, será possível consultar no nosso *site* ([www.modernismo.pt](http://www.modernismo.pt)) o arquivo de Almada Negreiros e Sarah Affonso. Trata-se de um inventário minucioso, ilustrado com reproduções das obras. No entanto, por questões de direitos de autor, as imagens em alta resolução e muitos dos documentos manuscritos não estarão tão cedo disponíveis *online*. Os interessados ficarão a saber da sua existência e poderão depois, mediante requisição, solicitar as reproduções e/ou consultar as obras fisicamente.

Numa outra fase deste trabalho, mais ambiciosa, o objectivo será catalogar as colecções que pertencem a instituições públicas e privadas e também as de todos os particulares que facultarem essas informações. Pretende-se, portanto, construir uma base de dados *online* capaz de albergar todo o espólio de Almada Negreiros e Sarah Affonso, criando a unidade da sua extensa e dispersa obra – ou pelo menos a ilusão dessa mesma unidade.

Curiosamente, Almada Negreiros escreveu uma peça de teatro em castelhano – durante a sua estadia em Madrid, de 1927 a 1932 – a que chamou *El Uno, Tragedia de la Unidad*, título que glosei, de forma provocatória, para esta comunicação, procurando vincar o lado decisivo de uma organização arquivística estruturada e crítica. Nesta peça, a propósito das relações entre o indivíduo e a colectividade e entre homens e mulheres, é apresentada a já então conhecida fórmula almadiana:  $1+1=1$ . Mas o autor adverte: se esta unidade não garantir a identidade e a singularidade de cada um dos envolvidos, poderá resultar numa verdadeira tragédia.

Ora, remetendo para o universo dos arquivos, a unidade alcançada por um repositório digital não poderá comprometer a especificidade de cada documento ou obra; caso contrário, a pesquisa e o estudo de um arquivo podem revelar-se uma autêntica tragédia.

A lista de facilidades que a consulta *online* veio trazer é extensa: desde o acesso a documentos fisicamente distantes ou em estados de conservação delicados, até à pesquisa criteriosa através dos diversos motores de busca avançada, passando pela construção de autêntico *puzzles* de ligações entre documentos e arquivos. Não negando o privilégio e a pertinência – em muitos casos – do manuseamento de um manuscrito, parece ser consensual que a pesquisa num arquivo (digital ou não) estará tanto ou mais facilitada quanto melhor tiver sido a sua catalogação. E é neste ponto que quero deixar algumas considerações, levantando problemas que têm sido apontados a outros trabalhos de catalogação e que nós, no arquivo de Almada Negreiros e Sarah Affonso, temos procurado evitar. Sabemos que é difícil conseguir uma base de dados perfeita, mas podemos tentar cometer o mínimo de erros possível.

### **Construir um arquivo virtual**

No livro *Pessoa Existe?*<sup>4</sup>, Jerónimo Pizarro, a propósito do trabalho que tem desenvolvido no espólio de Fernando Pessoa, na posse da Biblioteca Nacional de Portugal, reúne algumas situações-problema resultantes de textos “mal catalogados” e que, logicamente, têm dificultado a investigação, o estudo e a própria edição.

A respeito dos autógrafos catalogados como «Ensaio sobre a Degenerescência (Génio e Loucura)», Pizarro escreve: “As diversas pessoas que estiveram associadas à catalogação do espólio, antes de se tornar público, privilegiaram certas áreas em detrimento de outras e muitas das áreas que ainda hoje estão inéditas são precisamente as que se poderia designar por «não privilegiadas».”<sup>5</sup>

Ora, esta tem sido uma das nossas preocupações: não privilegiar uma área em detrimento de outra. No caso de Almada, são frequentes os documentos heterogêneos, como os cadernos que contêm ao mesmo tempo textos literários diversos (poemas, contos, apontamentos para teatro), desenhos e rascunhos de cartas. Para que se tornasse possível facultar o máximo de informações, a ficha de

---

<sup>4</sup> Pizarro, Jerónimo, *Pessoa Existe?*, Lisboa, Ática, 2012, p. 44.

<sup>5</sup> Pizarro, Jerónimo, *Pessoa Existe?*, Lisboa, Ática, 2012, p. 37.

inventário foi construída de modo a permitir mais do que uma categoria por documento. Assim, podemos seleccionar ao mesmo tempo “Literatura”, “Arte” e “Espólio Documental”, designando ainda, como subcategorias, “Poesia”, “Prosa”, “Correspondência” e “Desenho”, por exemplo. O objectivo é valorizar todas as áreas, atribuindo rótulos que não sejam redutores de uma categoria. Mesmo quando um documento é constituído maioritariamente por texto, se existe um desenho ou um esboço de estudo geométrico, essa categoria não poderá ser negligenciada. Neste caso, artes plásticas, geometria e literatura apareceriam ao mesmo nível. Só assim conseguiremos construir um arquivo digital amplo e revelador da heterogeneidade deste espólio, evitando também posteriores perdas de tempo em buscas por núcleos aparentemente “improváveis” para localizar os documentos que possam interessar a um investigador, como infelizmente tem acontecido em alguns arquivos.

Do mesmo modo, a existência de campos como “Pontos de Acesso”, “Itens Relacionados” ou “Bloco de Notas” permite que cada investigador do projecto complemente a ficha com informações válidas para as buscas de futuros estudiosos.

Outra das questões-problema que surgem diariamente no nosso trabalho é a datação dos documentos. Muitos textos, desenhos, fotografias, recortes de imprensa e outros itens não têm qualquer indicação de data. Em determinados casos, trata-se de um trabalho quase detectivesco, para tentar apurar uma data exata ou um determinado período temporal que permita balizar cronologicamente o documento. Em cada ficha de inventário, temos a possibilidade de indicar intervalos de tempo e redigir notas sobre a atribuição de uma determinada data. Por exemplo, para uma fotografia datada dos anos 50, seleccionamos todas as datas de 1950 a 1959; assim, quem faça uma busca por data e escreva “1955” encontrará a referência a este documento. Claro que, em muitas situações, mesmo com investigações várias, não é possível atribuir uma datação e o campo terá inevitavelmente de ser preenchido com a opção “sem data”.

Tal como na maior parte dos arquivos, o de Almada Negreiros e Sarah Affonso conserva obras de outros autores, tanto textos como desenhos e pinturas. Em algumas situações, temo-nos debatido também com a questão da atribuição de autorias, nem sempre fácil de determinar. No entanto, estamos conscientes de que

esta é uma informação de importância crucial para a constituição do *corpus* artístico de um autor.

O facto de a nossa equipa ser constituída por investigadores de diversas áreas (Literatura, História da Arte, Belas-Artes, Geometria e Matemática) e de estarmos também rodeados por consultores em campos mais técnicos tem contribuído para que o trabalho se desenvolva com consistência.

De salientar que, para além da catalogação, muitos dos investigadores deste projeto dedicam-se ao estudo e à edição da obra de Almada Negreiros e de Sarah Affonso – eu, por exemplo, estou a desenvolver a minha dissertação de doutoramento sobre a estética teatral e os textos para e sobre teatro escritos por Almada Negreiros. Cada investigador tem passado uma boa parte do seu tempo com áreas particulares do arquivo, o que leva a que se confronte com problemas específicos, para os quais tem de encontrar soluções também específicas. E isto conduz ao aperfeiçoamento do próprio processo de catalogação. (Estamos a construir um arquivo e, dentro dos nossos limites, a estudá-lo ao mesmo tempo. Há ainda muitos documentos por inserir na base de dados, há ainda muito para investigar neste espólio. Temos consciência de que a construção de um arquivo é um ponto de partida para o estudo de um autor.)

É um privilégio e uma enorme responsabilidade trabalhar no arquivo de um artista como Almada Negreiros. Mexer, literalmente, nos papéis do escritor é a relação máxima com a materialidade deste espólio. Há também o lado de catalogar e de inserir informações numa base de dados virtual, conferindo a este arquivo, múltiplo e disperso, a ilusão da sua unidade. E, se a nossa equipa fizer um trabalho competente neste campo, nomeadamente garantindo a identidade e a singularidade de cada um dos documentos envolvidos, penso que estaremos longe de provocar uma “Tragédia da Unidade”!

Mas sobre “ilusão e materialidade” nos arquivos científicos teremos todos ainda muito que partilhar, ao longo deste encontro.

## **Bibliografia**

José de Almada Negreiros, *Teatro*, vol. 3, Lisboa, Editorial Estampa, 1971.

José de Almada Negreiros, *Teatro*, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

Jerónimo Pizarro, *Pessoa Existe?*, Lisboa, Ática, 2012.

Rubens Borba de Moraes, *O Bibliófilo Aprendiz*, Lisboa, Letra Livre, 2011.